

upo das
catecismo,
veio, a
que nos
mos dado
po e está-
as, torná-
atro lições
ue fizemos

rem feito
s valores.
a teve 18,
5, a Con-
de Fátima
Edite e a
Madalena
reprovou.
e tiveram
receberam
ão tinham
já tinham
ra ele e

contentes
emos que
ser outra
em é que

que para
rão dadas
elo nosso
ano, tanto
os outros
o mostrar-
o Senhor.
s obras e
saber-se
mpir os

ir o cate-
Catequista

Fátima

RO

a gali-
outros 4
ela do
ento?

X

tinha
to. Mas,
prepara-
apanha-
nala sem
cheram-
a! Ami-
sem nar,
e na
apanhar
lá vai
, que no
avia de
de com-
a tipo-
ega ao
ento. Na
los em-
abre a
emalar
os. E fi-
ante o
caixei-
m tanta
o ele se
não
certo é
cá, pior
barata!

Santos

Rapazes



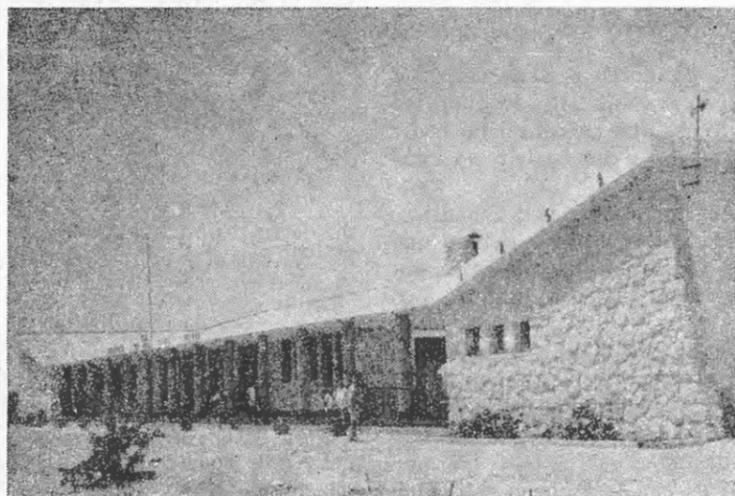
Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

18 DE JANEIRO DE 1964
ANO XX — N.º 518 — Preço

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS
FUNDADOR: Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENAR
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



Fachada da actual casa

Benguela

L EITOR-amigo: é preciso que comeces a conhecer os nos-
sos passos. Os caminhos por onde andamos. As casa-
s onde entramos, mais aqueles por quem nos aflig-
mos.

Só assim é possível o nosso encontro. E temos
necessidade de nos encontrar muitas vezes.

Em primeiro lugar para teu próprio bem. Preci-
sas de sair muito de ti mesmo. De deixar de pen-
sar só em ti e nos teus. Porque o egoísmo mata-te.

Torna-te jeroz. E traz-te constantemente irrequieto. Envelheces
antes do tempo. E o que é pior é que não consegues ter paz e ser
feliz. Nada te satisfaz. Quanto mais tens, mais queres ter e não im-
porta por que meios. Uma preocupação te domina — ser rico, mui-
to rico e deixar fortuna a teus filhos. Por isto, és capaz de esque-
cer tudo o mais. Até a tua origem divina.

Parece um paradoxo: teremos mais paz e seremos mais felizes
na medida em que distribuirmos paz e felicidade. Falo-te da nossa
experiência. Queres ver?

Estamos em vésperas de Natal.
De vazia que estava a nossa
Casa ficou cheia. Foi uma pro-
cessão de gente que veio trazer-
nos suas lembranças. As caras
dos nossos pequenos deixavam
transparecer a alegria que lhes
ia lá dentro. Eles assistiram à
chegada dos amigos. Seus olhos
fixaram-se nos mimos deixados
em nossas mãos. A casa ficou
cheia.

A nossa volta, porém, havia
casas vazias. Havia mãos que fi-
cavam sem nada. Havia olhos
marejados de lágrimas. Sabemos,
por experiência, que, na medi-
da em que dermos, nessa medi-
da recebemos também. Reparti-
mos. Fomos a casa deles. A nos-
sa Casa continuou cheia. As mãos
dos Pobres também. E a nossa
ceia de consouada foi em paz e
alegria. Somos recoveiros dos
Pobres. Pai Américo foi-o e le-
gou aos seus Padres essa heran-
ça preciosa. Não nos deixes nun-



Avenida de acesso à Casa,
que já se chamava «Alameda
Padre Américo»

ca ir de mãos vazias. Já sabes
onde moramos.

Desta vez não fomos longe,
nem tão pouco sòzinhos. Connos-
co uma grande multidão de al-
mas jovens que sacudiram a
cidade de lés a lés. Nada resis-
tia ao seu entusiasmo. Os pais,
as «grandes vítimas». E quão
gratos devem estar às suas filhas
pelo bem que lhes fizeram ao
fazerem violência às suas cartei-
ras para repartirem um pouco
por quem nada tinha. As alunas
do Colégio de N.ª S.ª da Con-
ceição acalentadas pelo carinho
de suas Madres foram as gran-
des heroínas do nosso Natal. Que
bem e que alegria não terão re-
cebido para si ao darem aos
outros.

Pouco passava das 6 horas da
manhã. Em Angola, o dia come-
ça cedo. O despertador deu sinal
e todos «à uma» se lançam em
correria em busca de água para
se lavarem. Desde terça feira,
véspera de Natal, que não temos

Continua na Terceira Página

Cantinho de MALANJE



Por
PADRE
TELMO

AGENDA

Dia 17/11

Chegámos à meia noite. Os
mais velhos já dormiam. Vier-
ram abrir e entrámos na nos-
sa casa. Na mesa, bolo, queijo
e abundância. «Coisas que nos
deram». A alegria de todos,
por nos sentirmos tão bem re-
cebidos pelas pessoas de Ma-
lanje, fez, dentro de nós, dia
claro.

18

Culamuxito: Saboreámos
com deslumbramento o aban-
dono selvagem das avenidas,
das árvores, das casas, das ma-
tas, dos macacos e da nossa
lagoa — que nos encheu de
paz... e da bica de água —
que nos deu esperança.

20

Começou o nosso trabal-
ho. Limpar as avenidas, fazer
bongas, capinar o café.

25

O «Laranjinha» teve sa-
udades de Paço de Sousa. Fa-
z no Ti Joaquim, no «Chinês»
no «Quim Pangudo».

Saudade é amor que se c-
rete, inesgotavelmente. To-
nós temos de todos os nos-
irmãos — gaiatos, senhora
padres.

26

Os sacerdotes daqui têm
do como pais para nós! H-
veio um com um grupo de
nhoras e meninas trazer o p-
duto duma coleta que fizer-
na cidade. Oito contos e t-
de mercearia, carne, fru-
e hortaliça e tanta coisa.

2/12

Mibangas são lombos co-
pridos de terra cavada or-
se plantam as sementes.
plantámos batata, feijão,
vilha e couve. Já deram do-
frutos: o trabalho — no-
fruto mais precioso — e o n-
so carinho... pela terra q-
nós cavamos.

4

Ora calhou de encontr-
mos na quinta dois enxan-
buligosos. Neca enfiou a m-
cara — um saco de plástico
as luvas, o fato de macaco
armado em marciano, aí
ele. Eu, armado em anjin-
fui à Emília pedir duas gra-
des cafeteiras pró mel. Q-
grande barrete! Fernando
tava de longe mortinho p-
ver favos pra se cravar...
mo só havia cera, passou o
a xingar-me.

8 — dia da Mãe

Não mandámos postais
nossas mães, mas elas estí-
ram presentes nos nossos
rações. Sentimos bem a p-
Continua na Terceira Página

Africa

«Naquele tempo», ao regressarem da missão a que foram «en-
viados dois a dois», os discípulos vinham exultantes pelas maravi-
lhas que haviam testemunhado, operadas por suas mãos pecadoras
e pelo acolhimento que lhes fôra feito.

Assim tem sido com os nossos padres. Enquanto em Benguela,
recebi notícias de Padre Telmo, muito significativas atendendo à
sobriedade do seu estilo. Desde que em Malanje, é Padre Manuel
António quem me enche das doguras que o enchem de confiança
para as dificuldades e lutas que hão-de vir. Querem ouvi-lo?

«Venda do jornal — Um sucesso! Os 200 jornais venderam-se
em Benguela, no sábado, em cerca de 2 horas. Um sucesso! Os três
vendedores são um fenómeno! E o Manel da Creche?... Dele disse-
me uma senhora que lhe não pôde resistir à simpatia: «Vocês man-
daram para a rua uns rapazes tão simpáticos que conquistaram toda
a gente!» Nem forau no domingo às Igrejas. Foram aos Bancos e
às Casas comerciais e recebidos com muita simpatia. Domingo estive
na Catumbela e os 100 foram vendidos num ápice. O Lobito nem
provou. Resultado: um pedido para Paço de Sousa de reserva de
pelo menos 600. E vão todos! E não chegam! Disse ao Júlio que
mandasse de avião, que o Senhor Padre Carlos ia dar ordem. Escreva
a dizer que sim!»

Ora aqui é que está o busílis!

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

VALES DO CORREIO

Durante a época do Natal e Ano Novo, o correio duplica e, por vezes, triplica, graças a Deus. É já uma tradição, aliás; pois a maior parte dos nossos Amigos prefere «desobrigar-se» nesta quadra festiva.

Um dia destes, porém, logo após a abertura do correio no escritório de Pai Américo, Manuel Pinto — o nosso «tesoureiro» — chega ao da Tipografia, de correspondência na mão e com um ar diferente do habitual.

— Que é que foi?, perguntei.

— Diz ós senhores, lá no jornal, que façam o favor de não mandar vales pagáveis em Paços de Ferreira — mas em PAÇO DE SOUSA! Senão, causa-nos muita diferença.

— É já no próximo Famoso, atalhei.

— Anda; pede também ós senhores funcionários dos C. T. T. mais cautelinha. Somos tão conhecidos nas estações dos correios!...

O Pinto desandou, com o mesmo ar grave. E eu, ruminando com os meus botões, fiquei também admirado pela confusão que ainda hoje se estabelece connosco, entre ambas as localidades. Mas esperamos que, futuramente, isso não aconteça — e toda a correspondência, e vales do correio, seja dirigida a PAÇO DE SOUSA.

E o Pinto ficará mais sossegado; e aliviado; e passará a mostrar, concerteza, um sorriso de boa disposição.

Júlio Mendes



A

NTES de continuar a nota de presenças que já vem do número anterior, quero retribuir, reconhecidamente, os cumprimentos de Boas-Festas e agradecer as palavras de estímulo que nos foram dirigidas, pelo quinto aniversário de «Belém».

Sim, apesar do nosso tão prolongado silêncio, não fomos esquecidas, antes o facto serviu para provar, uma vez mais, o interesse com que os primeiros passos da Obra são acompanhados por tantos e tantos.

Ouve quem ficasse preocupado com a nossa falta de notícias, quem estranhasse e até quem ralhasse...

Por tudo, que Deus seja louvado!

O motivo dos nossos silêncios, Senhoras e Senhores, tem sido sempre o mesmo: falta de tempo e também de energias que cheguem para tudo. Confesso ainda que eu cansei de pedir sempre o mesmo e que tive a impressão de que os leitores também iam ficando cansados de me ouvir.

Resolvi dar-me totalmente aos cuidados das Belenitas, da vida doméstica e do cultivo da nossa quinta e deixar que o ano de 63 chegasse ao seu termo. Creio que fez bem esta pausa, para agora recomeçarmos com mais vigor a batalha pró Casa-Nova.

Nós temos urgência de a pagar, Senhores! Antes disso nem lhe devemos chamar nossa. Temos problemas urgentes a resolver e adaptações necessárias a fazer, que estão dependentes do seu pagamento.

Que surpresas nos trará o ano de 64?

Que bom seria se chegássemos ao seu termo sem esta dívida... Se todos vós quisésseis, com a ajuda de Deus, o milagre verificar-se-ia. Ainda estamos longe, mas a fé transpõe montanhas...

Nota de presenças — Helena, de Lisboa, sempre presente com o seu vale de 500\$00. Maria Cecília e marido, de Braga, mais 100 além da quota mensal. Anónimo de Lisboa, sempre presente, e desta vez com 70.

Os 250 mensais do Casal de Viseu que teve a luminosa ideia de dar para Belém o valor duma casa do Património, porque as Belenitas são filhas dos Pobres que não têm casa e também precisam de ter a sua.

Da mesma cidade 40, mais 100, mais 40, mais 50 entregues em casa. 200 entregues no autocarro. Senhor Cônego de Viseu visita-nos com a família e entregou 300. Outra Benfeitora de Viseu com 500 e um casal amigo com 150.

Vale de 50 de A. Fernandes de Lisboa. 20 de uma Maria dos Sacrários Calvários. 50, em vale, do Avô dos 8 netinhos.

Visitas da Covilhã com 500, mais 100 e mais um corte de casaco. Gertrudes, de Lisboa, 100. Uma Inês da Lousã enviou 200. Maria José, do Porto, com 100. Ass. 31937 de Lisboa com 50. Roupas e brinquedos das três Marias do Barreiro.

Em louvor do nascimento de Deus Menino, duas de 20. De Cantanhede 20, com pedido de oração por alma da mãe. As Belenitas rezam todos os dias pelos seus Benfeitores.

Uma paroquiana das Antas quis visitar-nos e como não pôde mandou o custo da viagem e mais algum — 300. Do Arieiro, Coimbra, 50.

Dos Armazéns — Avenida António das Águas 50. O Centro Comercial das Beiras enviou uma peça de riscado, de

que muito precisávamos. Quem manda mais, para bibes e aventais? Podem ser retalhos.

Por intermédio do Senhor P.e Baptista, 200 de G. Pereira, de Lisboa e 500 de Senhora do Luço. Senhor P.e Baptista, peça aos seus incuráveis que rezem por «Belém». Do Alto do Calvário as orações chegam mais depressa ao Céu.

De Moita do Ribatejo 50. Sim, os Benfeitores de Lisboa ou que lá vão podem depositar esmolas para Belém no Montepio, desde que declarem a que se destinam. O Senhor P.e José Maria fazia o favor de no-las mandar e esperamos do Senhor P.e Luis o mesmo favor.

Outra vez de Coimbra M. T. com 100. De Carminda do Porto 20. Palmira e Eduardo, um Casal que nos visitou este ano, enviou 100. Glória do Porto, com 500, «parte da gratificação do Natal».

Nota de 20 de Almalaguês. Outro tanto de duas Alices de Coimbra e também de P. Ribeiro, Porto. 100 duma ass. de Aveiro. Outro tanto de colega amiga de Lisboa. Outra de Serpa, também com 100, mais 20 duma irmã.

A Conferência de Maceira-Liz mandou roupas. O Rotary Club de Viseu entregou 4 cobertores, na véspera de Natal.

Do Governo Civil de Viseu, pelo Natal, 5 contos.

Feitas as contas, verificamos que podemos pôr de parte 18 contos.

Ficamos, pois, no ano de 64, com a dívida de:

477.000\$00
—18.000\$00
459.000\$00

Se todos vós quisésseis!...

INÊS

Casa das Belenitas — Viseu

Ordins

Amigos, desta vez apetecia-me não falar convosco. É que estou cansado com o muito trabalho destes dias. Mas, como quero descansar na eternidade, jamais agora deixarei de gastar a vida, aplicando-a sempre no cumprimento do meu dever — expressão da vontade de Deus.



O QUE NOS DÃO No Topal

Os senhores desculpem estes «maises» virem tão atrasados, mas nem sempre é possível incluir no pequeno espaço do nosso tão pequeno jornal, a referência a tudo que nos dão. E depois as nossas Casas são tantas, que se tem de equilibrar o Gaiato, não vá ele vir pesado demais.

De um antigo Missionário no nosso Ultramar, entregues à mão do nosso Padre Carlos, na Igreja dos Anjos, dez mil. E outro tanto mais quatrocentos e cinquenta do peditório em Colares. Na mesma altura, promessa de concentrados de tomate. Mais uma folha de assinaturas da senhora do Saldanha, que é amiga em extremo dos nossos vendedores. Meia dúzia deles, ao sábado, almoçam em sua casa. Um escolhe a ementa para a próxima quinzena. E todos sabem, que sempre que ali passam, mesmo que a Senhora não esteja, há uma porta aberta, uma cara amiga e uma merenda farta. É sempre assim aos Domingos de venda. E prendas, que eles vêm mostrar todos contentes, quando acontece algum fazer anos...

Do Sr. Embaixador O. Pires do Rio e Isaura e M. H. com cada e outro tanto. Ainda outros assinantes com 50, 60 e 20. Visitantes com 20\$70. Do peditório em Peniche vieram 3.057\$00, mais o desejo enorme que trouxemos no peito, de que Deus dê melhor saúde ao seu querido Pároco. De M. Gabriela vinte, mais duas camisolas. Da Rodrigo da Fonseca, duzentos. Mais visitantes com 50 e 20. E 40 de quem nos visita muito amiúde. 250\$ de M. S. C. Da Senhora do Estoril 870\$00 e de uma promessa com e mais para o Calvário e Património.

Amigos, os grandes amigos da Mobil com 2.093\$00 referentes a Junho e Julho. E quinhentos dum aumento de ordenado. Peditório em Oeiras 4.474\$30 além de muita simpatia do Pároco e de quem nos recebeu em Casa.

Uma vitela dum Sr. Dr. de Caneças, e cem dos empregados das Encomendas Postais, da Rua da Palma, que tanto se lembram de nós no seu dia a dia de trabalho.

Mais da Mobil 695\$00, certamente dos empregados de

Luanda. Cem de R. Almeida, que todos os meses se desloca propositadamente a nossa Casa, para entregar a sua oferta.

De D. Joyce 50\$00 todos os meses.

De três Senhoras da Misericórdia de Lisboa 1.200\$00, mais um rapaz que nos trouxeram e vale muito mais, mas que continua perdido.

P.e José Maria

Uma visita

Ela é de todos os anos e desde há muitos. É o casal que, religiosamente, se apresenta aqui ao nascer de cada ano, para connosco louvar e dar graças ao Pai do Céu por todos os dons recebidos — assistindo à Santa Missa e tomando do nosso café.

E lá se vão contentes e felizes, deixando, à despedida, os 24 contos do costume, para mais duas casas do Património dos Pobres.

Manuel Pinto

«O Gaiato» ★

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

POBRES

Já levava de Casa um companheiro, Seminarista dos Olivais. Estava no Lar o antigo «Zé da Lenha». Como tantas vezes acontecia a Pai Américo, ele pediu e foi também. Damos a mesma volta no Barredo, a começar pelo mesmo lado. A certa altura enganámo-nos na porta. Um engano nunca é ocasional. Procurámos a que teve o homem na cadeia. Por esta designação, aparecem, só num mesmo andar, vários casos. Entretanto há um homem que dá pela nossa presença, enquanto vamos a um cubículo duma de muitos filhos, e ele na cadeia. Ele implora que entremos na sua «casa». Tem uma filhinha de ano e pouco, no caixão. «Faz hoje oito dias que enterrei outro, que estava no hospital». A mulher, que estava ao pé, embala ao colo um recém-nascido. «Já nasceu depois do outro morrer». Tem mais outro ainda. «É uma miséria», chora o homem, que está desempregado. Ela a miséria está bem impressa no corpito da criança morta. Ele até quis levantar a roupa para vermos melhor. Vê-se na cara aflita do homem; lê-se no olhar fechado e heróicamente sustentado da mãe que está ao pé.

Para mais não tem quem lhe faça o funeral. «Tenho dois cartões e nem um me querem fazer», diz ele mostrando os ditos cartões duma Sociedade Funerária. «Nem tenho para chamar o Sr. Abade». Ele vê-nos, dois padres e arrisca: «Se os senhores fizessem o favor de lhe rezar aqui...» Como o meu companheiro levava um «Vade mecum», ali, os dois, perante o silêncio de todo o mulherio e crianças que se juntaram, rezámos religiosamente o que vem no Ritual para o funeral das crianças. Cometemos um erro jurídico e litúrgico. Certamente. Mas antes disso que nada. Acima de tudo o aliviar a alma daqueles pobres pais. Dialogámos os salmos em latim, porque não há ainda em português e na altura própria todos rezaram connosco o Pai Nosso. Afinal, Pai Nosso, fostes Vós que nos trouxestes ali, na tarde fria e sombria. Foi a Vós que pedimos alívio naque-

Pois Ordins continua a agradecer-vos os trabalhos que lhe mandais fazer, e nunca deixa de vos pedir que lhe façais sempre mais encomendas. Têm sido muitas, mas vós ainda não pedistes tudo. Esgotai-nos depressa o armazém, que as tecedeiras ficam todas contentes, quando têm de «serançar», para entregar o trabalho.

E, por hoje, ficamos por aqui; já sabeis porquê.

P.e Vieira

la dor. Nós invocámos o Vosso Nome e Vós já ali estavas há muito. Aquele corpito mirrado da criança. Aquele dor amarga da mãe e do pai; aquela aflição, aquele quase desespero do pai por não ter dinheiro para lhe levarem o filhinho ao cemitério, foi tudo caminho para Vós chegardes. E as nossas palavras, a presença de dois padres, manifestou-Vos àquela gente ansiosa de compaixão. O seu silêncio, só falais no silêncio, o seu agradecimento, vós provocais sempre acção de graças, disseram da Vossa presença. Saímos confortados por termos confortado em vosso Nome.

Da tia do nosso «Caracol», o marido já tinha partido, véspera de Natal. Em Casa do Sr. Vitorino, mesmo ao acabar a volta, um tropel por cima das nossas cabeças, traz-nos a notícia de que uma outra criança acabara repentinamente. Todos julgam que é a fome que vem, a doença que entra, a morte que passa. Mas sois Vós que andais por ali.

P.e José Maria

Cantinho de MALANJE

Continuação da página UM

sença da nossa Mãe do Céu. Duma boa mãe que está em Luanda, 500 e seu filho outros tantos, e outro filho idem.

12 Fui dar com o Neca a escrever, a escrever... «Que carta comprida!» disse-lhe. «Não é carta, é a história da minha vida». Ora vejam, vamos ter romance. E esta do Fernando: deu-lhe agora para pendurar as chaves do tractor no frigorífico!

22 Chegou hoje a Malanje o Sr. D. Pompeu. Tem sido tão bom para nós! Pensou em tudo: casa, mobiliário, arranjo da fazenda, primeiras refeições na sua própria mesa.

24 Um cabrito, dois, outro, um cordeiro, um porco; galinhas e mais galinhas; ovos — dúzias e dúzias; — bolos, o que aqui vai! bacalhau, arroz, batata e queijo; nossos amigos do Banco trouxeram champa-

Continuação da página UM

Eu tenho para mim, e insisto, que a nossa presença em Angola, muito mais do que pela sua acção assistencial, vale pelo sopro de Espírito que a Obra é. Espírito de confiança sem limites em Deus, que é Pai, e não decepção na os filhos desejosos da glória do Seu Nome e da extensão do Seu Reino. Espírito de pobreza, que acredita que do dar de cada hora se colhe o receber de todos os instantes. Espírito de solidariedade, que nos ensina a saborear a nossa felicidade na comunhão da dos outros.

Que outro veículo serve melhor a difusão deste espírito do que «O Gaiato»? Por isso P.e Manuel rejubila: São precisos «pelo menos 600. E vão todos! E não chegam!» E eu regozijo-me tanto como ele.

Mas o busilis é o transporte por avião, que nos custa os olhos da cara. Custa a Paço de Sousa, que os nossos africanistas bem se avêm com o produtivo da venda do jornal! Por isso Padre Manuel, lembrando-se de que «com papas e bolos se enganam os tolos», bem tenta levar-me: «Conte com bananas, mangas, mamões, ananazes e todo o género de produtos desta terra!» Mas ele vai sabendo já que não é tanto o mar o que nos separa, como o abismo das complicações que os homens criam a dificultar as coisas simples, as trocas fraternais, em que o interesse comum contasse mais do que os interessezinhos de alguns. Por isso, adeus mamões e ananazes e bananas! Se as quiser em Paço de Sousa, teremos de as comprar, raquíticas e retardadas, a preço de ouro!

Não, Padre Manuel não me leva! Mas eu já dei ordem para que o jornal venha por avião, tantos quantos os precisos, embora esta medida nos dê prejuízo material... É o lucro espiritual!

nhe, bolos e carne, e mais, e já tinham trazido 500. De Brito Godins veio um senhor com doze deles para uma casinha do Património — belo! Da ↑ vermelha dois, da U nacional um; duns irmãos de caridade, num envelope discreto, 500. — «faz-lhes falta». «Nosso Senhor ajuda doutra maneira». Pois ajuda. Do Dundo por intermédio do Senhor Bispo, quatro. Duma menina de Lisboa que costuma vir muitas vezes, 20.

E tanta coisa mais! Não digo nomes. «Não saiba a tua esquerda o que faz a tua direita; o teu Pai, que vê, em segredo te pagará».

Sentimo-nos comovidos e profundamente gratos. Que o Menino Jesus dê a todos muita alegria e consolação.

25 Senhor Padre Carlos passou o Natal connosco, e foi ele que fez as rabanadas. Que boas! Na Missa da meia noite, no meio dos outros fieis, beijámos o Menino. E com ternura, pensámos em todos os nossos.

AFRICA

É o bem que «O Gaiato» pode fazer com as suas impertinências de *Desordeiro*; as transformações que pode operar com as suas manobras de *Revolucionário*; as lágrimas de consolação que pode fazer brotar com a sua simplicidade de *Famoso*! É esta a razão porque eu disse ao Avelino que sim, que mande depressa os 600 e os mais que forem necessários até que chegue!

Eu tenho pensado muito nestes tempos, e por entre as minhas andanças africanas, nas diferenças de critério entre o *homem económico* e o *homem espiritual*. Na hora que estamos a viver no nosso Ultramar, aquele acautela os seus interesses e retem-se: Transfere o que lhe deixam; conserva o que pode; e vai deitando as vistas por sucedâneos mais seguros, transitóriamente mais seguros — é fatal! Na hora que estamos a viver é o pobre quem investe, aquele que é pequeno demais para transferir e se transferir e que por isso se enraíza, se firma em ordem ao futuro, fomentando a única saída possível para o seu crescimento, disposto a todos os riscos, apegando-se mais à terra que lhe dá o pão — e seja o que Deus quiser!...

Não é de estranhar, pois, que esta seja a hora de também nós investirmos em Angola — a hora

dos Pobres, hora de deserção do Potentados!

Pesou, de facto, alguma coisa nas finanças das Casas do Gaiato metropolitanas, o arranque das suas jovens irmãs de Angola. Ainda mais do que nas finanças pesou nos recursos humanos de que dispusemos para as novas fundações. Fardo feliz, que levamos alegremente na contemplicação da nossa pequenina parte no estender do Reino!

Por isso acedi, pronto aos desejos de Padre Manuel António que são também os meus. Que o lucro material fique todo em Angola. Os frutos espirituais esses não são circunscritíveis: nenhum lugar; comunicam-se por toda a terra até ao último recanto onde haja um homem de boa vontade. Deus pagará cem por um, todo o esforço que, alegremente por ser por Seu amor, Paço de Sousa houver de fazer.

Mesmo sem ananazes, sem bananas, nem mamões...! E não deixaria de ser uma feliz notícia — que nós tomaríamos com graça — a resposta favorável que há três anos esperamos do TAP, quando, depois da minha primeira visita ao Ultramar, a sentir por cá a fome de «O Gaiato», lhes pedimos que colaborassem connosco no transporte do jornal, a bem da Nação.

BENGUELA

Continuação da página UM

água em casa. O motor que a tirava avariou e de tal modo que o conserto não fica muito à quem de um novo. Outro motor que o havia de substituir avariou também.

Custou-me a adormecer nessa noite. Não foram os mosquitos. Nem o calor. Foi a casa sem água há três dias. A aflição dos cozinheiros. Os rapazes a pedirem água para beber e o filtro sem ela. E o banho? E o conserto dos motores? Custou-me a adormecer naquela noite.

«Passarinho» chama — «um Senhor quer falar-lhe». Nunca nos tínhamos visto. «Tome lá. Venho agora do trabalho e aproveitei este intervalo dos combóios para dar cá um salto». Eram 5 notas de mil mais 115 escudos. E mostrou-me uma lista das pessoas que deram. Quis saber quem era. Um Condutor dos C. F. B. Trazia ainda a farda do trabalho. Seu rosto espalhava alegria. O nosso diálogo teve de ser curto, pois o combóio esperava-o de novo.

Vi-o partir na bicicleta que o trouxe. Apeteceu-me beijar-lhe as mãos unidas com tamanha alegria e simplicidade. Que ma-

neiras de dar! Que encontros. «Que Deus lhe pague e venha um dia comer o caldinho connosco».

Ele foi-se e fui também celebrar Missa. Vivi momentos de euforia. Aquele encontro entrou em mim. Vi nele a resposta à aflição da noite anterior. Apalpei a presença do Senhor nesta Obra que é Sua.

Corri ao Lobito e comprei o motor. Faltavam ainda mais 5 notas de mil. Elas não-de vir e motor já veio. Queres ajudar? A vida da Obra da Rua é te cida desta maneira, desde o seu início. Sua alma a confiança total na Providência divina que não deixa ao abandono os lírios dos campos, nem as avezinhas do céu».

«Que Deus lhe pague e venha um dia comer o caldinho connosco».

A partir de 1 de Janeiro «Granja dos Rapazes» passou a ser de facto «Casa do Gaiato de Benguela». Partimos quase de zero. Isto quer dizer que precisamos muito da tua mão. Partite ajudar apresento algumas da

Continua na QUARTA página

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

PELAS CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

NATAL — Mais um que se passou! Na nossa Aldeia, foi, como sempre, o melhor de todos!... De todos nos lembramos, pois fortes laços de amizade nos unem, muito especialmente aos nossos irmãos que recentemente partiram para África.

As casas têm cada uma o seu presépio, que é costume fazer-se todos os anos. Há prémios e, por isso, todos trabalham para os receberem!

Luisito, Campanera mai-lo Constantino (um dos nossos Angolanos de cor) foram os cozinheiros do dia.

— Eh pá não há luz. Põe lenha no fogão!

— Aquele cano está entupido. — A máquina de descascar as batatas não anda! Ai vem o tractor carregado de tronchuda. A senhora a refilar, porque a malta não se entende. Enfim a nossa «desorganização organizada» a trabalhar como manda a respectiva!

— Eu quero uma valente prata-da!... Dizia a Senhora.

— Arranja-me uma boa posta de bacalhau — Sr. Padre Zé Maria.

— Ena que grandes lateiros — remato eu!

Após a consoada, que correu com uma verdadeira alegria, os incansáveis Américo e João «Bombeiro» mai-lor seus colaboradores, ofereceram no nosso Salão de Festas a habitual rubrica de teatro, que saiu com a devida categoria!

Terminado o espectáculo, seguiu-se a «Missa do Galo». Dai para o refeitório, onde as rabanadas mai-lo café nos esperavam. E, por fim, fomos para a cama.

24 ANOS! — Fê-los no passado dia 2 de Janeiro, a Obra da Rua. Logo de manhã, reunimo-nos à volta do Altar, para darmos Graças a Deus por mais um ano que se dignou dar-nos de vida. Esta a primeira intenção. A segunda, unidos intimamente aos nossos irmãos de África, que para ali partiram para fundar as Casas do Gaiato angolanas. Pedimos para que eles, em terras de além-mar, obtenham o êxito que todos nós desejamos. Por fim, pedimos a Deus para que o novo ano que ora principia, seja cheio de Bênçãos e Graças Suas para a Obra da Rua e para todos nós.

ATENÇÃO! — Temos, na nossa Casa do Paço de Sousa, uma Senhora que sabe tricotar. Mas, para isso, torna-se indispensável uma máquina!

Não haverá para aí alguém que lhe ofereça, para a Senhora não a volte a pedir emprestada como tem acontecido?

Sim. Uma máquina de tricotar. Virá? Não virá? Depende de ti, amigo Leitor.

Fausto Teixeira

TOJAL

O NOSSO NATAL — Todos nós temos a dar muitas Graças a Deus pelo Feliz Natal que tivemos. Os nossos Amigos estiveram à altura de nos proporcionar um dia cheio de alegria, de Paz e de Amor. Muitos foram os que nos visitaram e trouxeram os mimos que os nossos rapazes necessitavam e que ainda hoje são delícia nas horas de refeição. Graças a Deus muito nos foi dado e todos estavam contentes quando saíram do refeitório para o salão de festas onde pudemos

assistir a uma pequenina festa organizada pelos nossos rapazes com o «Auto dos Pastores Brutos» e um pequeno Acto de Variedades com a «Orquestra Basqueirofónica». Depois tivemos a tradicional Missa da Meia-Noite com que terminou a nossa festa. No dia seguinte, Dia de Natal, mais alegria, mais mimos, mais tudo. E finalmente o nosso muito obrigado a todos os nossos Amigos, quer nacionais quer estrangeiros.

SELOS USADOS: O Natal trouxe-nos algumas e boas encomendas. Já o esperávamos. Sendo esta a quadra que melhor se proporciona à Caridade estávamos convencidos que as encomendas de selos iriam surgir. E assim aconteceu na realidade.

De Lisboa; Porto; Alcochete; Nelas; mais Lisboa; Braga; da Assinante 22628, selos e \$0\$00; do Canadá; mais Porto; mais Lisboa; Coimbra; e outra vez Lisboa por intermédio do Montepio Geral e entregues no nosso Lar; Algés com muitas pratas e selos, de Américo Sampaio. É o leitor que mais vezes apareceu na Campanha. Que será feito dos nossos amiguinhos de Baltar? Esperamos notícias vossas. Mais selos de Moimenta da Beira; mais de Lisboa entregues aos vendedores e finalmente a encomenda que conquistou o Quadro d'Honra. É da Câmara Municipal de Alcochete. Os nossos parabéns. Para todos o nosso muito obrigado e a continuação de um ano feliz.

Até de hoje a quinze dias, se Deus quiser.

Cândido Pereira

SETÚBAL

NATAL — O nosso Natal. Em cada um de nós há qualquer palhinha do estábulo de Belém. Na nossa comunidade, a palhinha incendeia, e a sua chama aquece e acolhe. A Luz faz brilhar, e mostra-nos tanta alegria escondida, porque o sentido verdadeiro do Natal anda tapado e enegrecido por nuvens carregadas de comodidades e invejas: Nós, outros reis herodes, em busca do Menino para o matar, não fosse tirar-lhe a soberania. Tanta vez nós falamos esta linguagem, atrancando a porta ao Amor gerado no Presépio, e fazemos cruces à CRUZ.

Noite de Natal na nossa Casa. A família reunida no nosso refeitório. Batatas com bratalhão, rabanadas e a pinguinha. Fraternidade. Pai Américo preside num sorriso, com todos nós ao colo a mostrar a grandeza daquela noite.

Depois veio mais alegria no salão de festas. Um pequeno grupo cénico mais as variedades, foram deleite para os assistentes que enchiam toda a sala. Parabéns aos artistas que se esforçaram pela festa.

Depois a «Missa do Galo». Capela repleta de gente: gente que não cre, não adora e não ama. Vão àquela hora por via da tradição. Os nossos rapazes, foram até à gruta e viram o Menino, tomando-o de alimento. No fim, o café mais os doces. Tudo em Família! Sabe tão bem, que até o meu filho se foi pôr na cozinha, a tomar o calor do fogão.

O «Menino Jesus», este ano, não se esqueceu das prendas, como os mais anos. «Ele» veio em «chinelos», e deixou em cada sapatinho — são 120 mais ou menos — a sua prenda, conforme a idade e consciência.

Nunca o Natal é para nós NATAL, se não compreendemos como e porquê nasceu Menino há quase dois mil anos.

PRESEPIOS — Só queria que tu visses este ano os nossos presépios! Entrei nas escolas e saboreei as ideias construídas dos nossos rapazes. Fiquei abismado do que nós somos capazes quando queremos.

Os bonecos de barro, feitos por eles, a invenção das figuras, a colocação de cada coisa no seu lugar. O presépio grande, esse, foi construído pelo Crisanto e pelo Rouxinol. Estava muito bom; só é pena que todos os rapazes maiores não tenham colaborado na sua construção.

Pró ano, que cada um pense, que o presépio maior tem que ser feito por todos, já que é o regalo da maioria.

Ernesto Pinto

BELEM

AS FÉRIAS — Todas nós passámos as férias do Natal com grande alegria e satisfação.

Logo antes da consoada as mais novas foram para o pinhal, aproveitar os dias de sol, para apanhar a caruma e as pinhas, porque faziam muita falta, para acender o lume. Então quando chegou a consoada é que foi trabalhar para juntarmos muita caruma para fazermos os bolos e as fritas.

Arranjámos quase um cesto de musgo e heras para fazermos o nosso presépio. Não é muito grande porque não havia espaço onde fazê-lo maior. Por isso foi feito por algumas das mais novas na escola. Este ano todas nós tivemos prendas do Menino Jesus, mas mereceram mais umas do que outras.

No dia de Natal todas nós fomos à Missa e agradecemos muito à Sagrada Família a protecção que nos tem dado. Ela serve-se dos nossos Benfeitores para nos dar aquilo de que precisamos. Por isso há-de-lhes pagar.

Estamos muito agradecidas a todos os que se lembraram de nós e nos mandaram as Boas-Festas. Na festa da Sagrada Família não esqueceremos os nossos Benfeitores.

Então, feliz Ano-Novo e adeus, até qualquer dia.

Fatinha

BEIRE

CONFERÊNCIA — Estamos no tempo do frio. Os campos aparecem todos os dias cobertos de geada branquinha. Pobres dos Pobres que não têm roupas para se agasalhar!

Há dias fui dar uma volta pelos nossos Pobres. Comecei pela Sr.ª Emília. Estava na cama, com o marido. Uma cama de bancos, tão carunchosa, e em perigo de cair em cima dela! Eu presenciei tudo e calei-me. Mas quando cheguei a casa estive com o Sr. Padre Baptista. Conte o que vi e fui logo atendido.

No domingo seguinte eu mais o Jacinto e outros rapazes levámos à Sr.ª Emília uma cama de ferro. Só queria que os nossos leitores estivessem naquele momento em casa dela, para verem a alegria que havia em ambos os velhinhos pobres, sim, mas alegres, também. Armámos a cama, mas os lençóis ficaram. E os cobertores eram tão remendados! E não chegavam para agasalhar os dois.

Entretanto o frio aumentou e tornaram a pedir roupa para a cama — pois a sua não chega. E nós, como estamos depenados, vimos lembrando, nesta quadra tão bonita e tão santa, a necessidade que temos de roupas para os nossos Pobres. E para que não haja confusões aqui vai o nosso endereço — Conferência do Santo Nome de Maria — Casa do Gaiato de Beire — PAREDES.

António Henriques

MIRANDA

Muitos dos nossos amigos quiseram testemunhar a sua presença neste Natal, quer pelas prendas, quer pelos seus cartões. Agradecemos muito a alegria que nos deram, especialmente aos nossos Padres e rapazes ausentes. Aproveitamos também para vos dizer como se passou o nosso Natal e continuaram as festas.

O Natal surgiu nos corações de cada um, como é tradicional já, pensando no nascimento do Menino Jesus, em S. José, Nossa Senhora, os Reis Magos, a estrelinha... Canções melódicas eram lindas espontaneamente e davam uma nota alegre a todo este advento e tudo continua com a vibração espiritual de uma «Missa do Galo» que foi rica e cada rapaz se formou presépio vivo do Menino Deus.

Antes, claro, não esqueçamos a parte interessantíssima da preparação da consoada. Era uma alegria. Se os nossos amigos entrassem na cozinha viam a um canto mãos pequeninas dos «batatas» descascarem outras batatas como o seu feito lhes permitia. Sobre a mesa grande da cozinha, Pinheiro, Zé Macaco, Jorge e mais deles abriam, descascavam e cortavam para a panela as abóbaras-meminas. O «Manteigas», afanoso, chegava cavacas à fonalha e barafustava contra os que lhe gastavam a água quente porque lhe arrefeciam o fogão.

Por fim, tudo ficou cozido. E que cheiro a «cozido»! Até os senhores, à hora da consoada, haviam de fazer o «Perigosos» andar ainda mais à roda para acudir a todos os que lhe solicitavam mais: batatas, bacalhau, grelos e azeite das nossas talhas. É da nossa colheita e bom. Resultado do trabalho de todos, acrescentado pelos 20 litros que os «miuditos» já fizeram só em rabusca depois das colheitas.

O «Tónha» fez as felhozes e porque não dizer que à volta dele iam sempre passando ou estacionando os antecipadores?

Antes da Missa o Menino Jesus trouxe prendas a todos e no fim foi um beberetezinho em que não faltavam as felhozes e as boróinhas tão à nossa moda que o «Castelinho» mai-lo Luiz e outros haviam cozido.

Consoaram connosco os do Lar de Coimbra e o Carlos Manuel. À tarde os nossos rapazes, com toda a sua alegria e boa vontade, servindo-se dos recursos da casa e da sua arte, deram récita para todos.

Os do Lar apresentam uma peça e os de Miranda outra. A terminou João Aurélio e seu «conjunto» deram música de acompanhamento às canções que o «Caneco» arranjou e ao twist que o Paulo e o «Melro» e outros «batatas» dançaram com todo o nível.

No fim da ceia, Sr. Padre Horácio prometeu crítica construtiva aos factos que não permitiram ser o nosso Natal tão pleno de júbilo quanto queríamos. Cremos que para o ano tudo será melhor se Deus quiser.

O Ano Novo surgiu radioso. Foi uma festa aquela despedida a 63 e a recepção ao Bébé 64. Primeiro reunimo-nos na capela a agradecer a Jesus todos os bens que nos concedeu, assim como Lhe pedimos perdão pelas faltas e bem assim muitas bênçãos para este ano.

Participou na nossa alegria Casal amigo que vem desde o Ano I com bolos-reis que tanto nos deliciam com vinho do Porto. O almoço foi preparado pelo Aurélio que diz coisas interessantes: «Já há 3 anos que estou de fachina na cozinha sempre no dia de Ano Novo. É ter azar. Mas ao menos ri-me. Um coelho, tivemos que o esfolar vivo... Custava a morrer. Até depois de lhe tirarmos o coração ele continuou a bater muito tempo no prato. Ah e o Sr. Padre Horácio que veio muito desconsolado à cozinha perguntando pelo molho do frango tostado. Até nos rimos. Frango tostado com molho?...»

A TV... também o seu contributo com as partes boas dos seus programas.

E agora notícias breves:

«Castelinho» voltou para a nossa padaria e tratador do gado. Coze muito bem o pão e os porcos arrastam a sua gordura. Até fazem estrume que nunca mais acaba.

Manuel terminou a vida militar. Manuel terminou a vida militar e quando lhe apetece dá um jeito na barbearia.

Carlos Alberto terminou com boa nota o C. O. M. em Mafra. Passou portanto a Sr. Aspirante servindo agora no R. I. 6 do Porto, sendo o 1.º oficial miliciano Gaiato. Todos podem ir onde querem se sobrem aprovar os meios que a Obra põe ao seu dispor, bem como as facilidades que nos dão os nossos Amigos.

Estes dias de sol fizeram muito jeito. Todos os trabalhos da lavoura atrasados se fizeram. Em quatro dias — record — roçaram-se 30 carradas de mato, já a curtir na estremeira. Alguns moços tiraram todo o estrume dos currais, às carradas; e até dos galinheiros. Era o «Piriquito» a arrancar, as galinhas a esgravatar e os miúdos a acarretar com padiolas.

É salutar trabalhar com este sol e poderem sentar-se à mesa com sentimento de merecedores.

Carlos Alberto

A venda do jornal em Setúbal

A venda de «O Gaiato» em Setúbal trouxe um nadita. Não sei se é vergonha dos rapazes que não oferecem o jornal ou se são os senhores que não têm vontade de o comprar. Digo-vos: aqui, se todos se esforçassem tanto como alguns dos nossos melhores vendedores, quando chegasse à noite cada um havia de ter pelo menos 60 jornais vendidos e, assim, ao dar contas ao Sr. Padre Acílio, ele já ficava mais contente connosco.

«Russo»

Nota — O Barreiro sobe de quinzena pra quinzena! Viva a CUF, viva a Escola Industrial Alfredo da Silva, viva o Barreiro!

BENGUELA

Cont. da TERCEIRA página

nossas necessidades: — Temos uma área muito grande de terreno que pode ser cultivado mas não temos sementes. Na rouparia os nossos pequenos querem passar a roupa a ferro mas falta o dito. E se pudesse ser automático melhor. Não por luxo, mas para evitar desperdícios de energia uma vez que são os pequenos que não lidam com ele. — Na cozinha estamos aflitos com as panelas da sopa e do conduto que já não chegam para dar de comer de uma só vez, a tantas bocas. Precisávamos de duas panelas com capacidade de comidada para cerca de 85 pessoas. Esperamos por ti.

P.c Manuel António

Visado pela Comissão de Censura

